

Argumentação e Linguagem

Solange Aparecida de Souza Monteiro
(Organizadora)



Solange Aparecida de Souza Monteiro
(Organizadora)

Argumentação e Linguagem

Atena Editora
2019

2019 by Atena Editora
Copyright © Atena Editora
Copyright do Texto © 2019 Os Autores
Copyright da Edição © 2019 Atena Editora
Editora Executiva: Prof^a Dr^a Antonella Carvalho de Oliveira
Diagramação: Rafael Sandrini Filho
Edição de Arte: Lorena Prestes
Revisão: Os Autores

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof^a Dr^a Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Prof^a Dr^a Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Prof^a Dr^a Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof^a Dr^a Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof^a Dr^a Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof^a Dr^a Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Prof^a Dr^a Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof^a Dr^a Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Prof.^a Dr.^a Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará

Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Conselho Técnico Científico

Prof. Msc. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Msc. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Prof.ª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Prof. Msc. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Msc. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Prof. Msc. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista
Prof.ª Msc. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Msc. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof.ª Msc. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal
Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)	
A694	Argumentação e linguagem [recurso eletrônico] / Organizadora Solange Aparecida de Souza Monteiro. – Ponta Grossa, PR: Atena Editora, 2019. Formato: PDF Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader Modo de acesso: World Wide Web Inclui bibliografia ISBN 978-85-7247-530-3 DOI 10.22533/at.ed.303191408 1. Língua portuguesa – Composição e exercícios. 2. Linguística. I. Monteiro, Solange Aparecida de Souza. CDD 469.8
Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422	

Atena Editora
Ponta Grossa – Paraná - Brasil
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br

Atena
Editora

Ano 2019

APRESENTAÇÃO

Ai Palavras! ... Todo o sentido da vida principia à vossa porta; o mel do amor cristaliza seu perfume em vossa rosa; sois o sonho e sois audácia, calúnia, fúria, derrota... A liberdade das almas, ai! com letras se elabora... E dos venenos humanos sois a mais fina retorta: frágil como o vidro e mais que o são poderosa! Reis, impérios, povos, tempos, pelo vosso impulso rodam... Cecília Meireles ...

Porque a verdadeira caverna, aquela que nos proíbe a relação com a realidade, aquela que nos obriga a viver no meio das sombras, é, para mim, a linguagem. Oswald Ducrot. Não há como pensar a argumentação na linguagem sem que se façam referências à retórica clássica, principalmente se o ato de argumentar for entendido como uma forma de gerenciar o discurso, de modo a se obterem resultados efetivos sobre as práticas sociais humanas. É justamente o funcionamento pragmático dos textos/discursos que nos permitem dizer, hoje, que os mesmos se nos apresentam revestidos de caráter ideológico, somente para citar um dos efeitos das ações das práticas linguísticas sobre as sociais. Nesse sentido, presume-se que a instrumentalidade do discurso argumentativo retrata-se nas formas como os argumentos são apresentados nos textos, de modo a criar um sentido de identidade entre falante/escritor e ouvinte/leitor. As atividades cognitivas da leitura e da compreensão estão inter-relacionadas, ainda que não se tenha como garantia indicativos de entendimento textual, afirmam Löbler e Flôres (2010, p. 181). Flôres e Gabriel (2012) defendem que a leitura pode ser estudada a partir de diferentes perspectivas, sejam elas: com foco no autor, no texto ou no leitor. Abraça-se, então, neste trabalho, a pesquisa sobre a leitura e foco no texto de diferentes formas.

Coscarelli (2002, p. 01) afirma que a leitura pode ser vista como um todo sem divisões, uma visão genérica e compactada que dificulta o trabalho do professor em ajudar os alunos em desenvolver o processo de leitura. Segundo a autora: A leitura pode ser dividida em duas grandes partes, uma que lida com a forma linguística e outra que se relaciona com o significado. Essas partes, por sua vez, podem ser ainda subdivididas. O processamento da forma, também tratado como decodificação, será aqui subdividido em processamento lexical e processamento sintático. Faz parte da atividade leitora apresentar sentidos para a informação ali exposta, buscando a reflexão, os questionamentos e os possíveis diálogos entre ela e o leitor. Para tal, essa prática envolve o aspecto de reconhecer o código linguístico, assim como depreender os sentidos que esse código desenvolve a partir das relações semânticas, Löbler e Flôres (2010, p. 188).

O leitor tem a função de decodificar o texto e identificar as pistas que o autor vai deixando ao longo desse texto, além de formular representações mentais sobre as informações contidas ali, Löbler e Flôres (2010, 192). Ele suscita hipóteses, realiza inferências, ativa o seu conhecimento prévio, tudo isso objetivando compreendê-lo. Löbler e Flores explicam assim o processo de compreensão: A compreensão da língua escrita é uma atividade complexa e onerosa do ponto de vista cognitivo, pois consiste em relacionar, concomitantemente, o que é lido a conhecimentos preexistentes. Para fazer tal síntese, o cérebro do leitor mobiliza os conhecimentos que já possui, relacionando-os

ao processamento em realização, ou seja, fazendo a articulação paralela entre o sabido e o desconhecido, no decorrer da própria leitura.

Nesse processo de diálogo com o texto, o leitor tenta identificar as intenções do autor por este ou aquele vocabulário, as intenções de formalidades ou informalidades, ou ainda, identificar quem está falando naquele texto. Ducrot (1990, p.15) defende que o enunciado é polifônico e que, portanto, existem algumas pessoas envolvidas em sua existência. Dentre elas, declara a existência do locutor, sujeito discursivo responsável discurso, e enunciadore, responsáveis pelos pontos de vista ao longo do discurso.

O enunciado, assim como o discurso, é único e sempre terá um autor, denominado sujeito empírico, Ducrot (1990) Os jornalistas, por exemplo, ao noticiarem ou reportarem determinada informação, fazem-na através das argumentações, que são entendidas por Ducrot como uma sequência de dois segmentos que compõem um discurso relacionados por um conector.

Argumentar é apresentar um ponto de vista. Entretanto, cabe ao leitor, durante a atividade leitora, apreender os diferentes sentidos que vão sendo desenvolvidos ao longo do discurso destes profissionais.

Acredita-se que, ao se analisar as palavras envolvidas nesses discursos jornalísticos, pode-se facilitar a compreensão dos sentidos ali inscritos. Diante disso, apresenta-se, como objetivo geral deste trabalho, a análise do papel que o léxico desempenha (palavras plenas e palavras instrumentais) na construção do sentido dos discursos desdobraram-se em múltiplas linguagens. A construção de sentidos nos diferentes e múltiplos discursos não é realizada da mesma maneira, não segue uma regra que se comportam diferentemente no momento de construção desses sentidos.

Um conjunto de considerações pragmático-discursivas constitui o cerne da história da retórica. O retorno à retórica faz sentir que muitas das preocupações atuais dos estudiosos da linguagem, no que concerne à eficácia da palavra, assentam-se em preceitos advindos dos clássicos e dos teóricos contemporâneos da argumentação.

Avulta das considerações tecidas um aspecto particular caracterizador do dinamismo da linguagem, que é o lugar ocupado pelos sujeitos que lançam mão de argumentos relativos aos seus objetivos comunicativos e objetos de discurso. Nesse sentido, defrontamo-nos com uma subjetividade enunciativa que extrapola os limites de uma consciência empírica do sujeito. Pela enunciação que o constitui, ele mobiliza um ou mais coenunciadores, fazendo-os aderir ou refutar o universo de significações ou sentidos atribuídos histórica e culturalmente aos objetos de predicação. O enunciadore é, para mim, o grande tecelão do mundo representado nos eventos comunicativos de que participa. Nesse sentido é que cabe nos estudos da argumentação, ou da construção argumentativa dos textos, aproximar teorias de textos e discursos das teorias sociológicas, assumindo, portanto, um posicionamento multidisciplinar perante a investigação dos fenômenos linguísticos.

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
A LITERATURA SOBRE O SEXO E A SEXUALIDADE NO BRASIL NO PERÍODO DA DITADURA MILITAR	
Solange Aparecida de Souza Monteiro Paulo Rennes Marçal Ribeiro	
DOI 10.22533/at.ed.3031914081	
CAPÍTULO 2	13
A FALA DE ULYSSES GUIMARÃES NA PROMULGAÇÃO DA CONSTITUIÇÃO FEDERAL DE 1988: UMA ANÁLISE BAKHTINIANA	
Tayson Ribeiro Teles	
DOI 10.22533/at.ed.3031914082	
CAPÍTULO 3	24
A ARGUMENTAÇÃO E A RETÓRICA NO SERMÃO DA SEXAGÉSIMA, DE PADRE ANTÔNIO VIEIRA: UMA ABORDAGEM PARA O LETRAMENTO LITERÁRIO	
Gabriela Lages Veloso Letícia Rodrigues da Silva	
DOI 10.22533/at.ed.3031914083	
CAPÍTULO 4	35
ARQUITETURA DA ARTE DE CONTAR: A NATUREZA SOCIOLÓGICA E A COMUNICAÇÃO ESTÉTICA NO CONTO BRASILEIRO CONTEMPORÂNEO	
Márcia Adriana Dias Kraemer Alba Maria Perfeito	
DOI 10.22533/at.ed.3031914084	
CAPÍTULO 5	55
COMO TRABALHAR A LITERATURA SOB REGIMES AUTORITÁRIOS EM SALA DE AULA	
Cícera Tayana Francelino Fernandes	
DOI 10.22533/at.ed.3031914085	
CAPÍTULO 6	66
A INTENCIONALIDADE MARCADA NOS TEXTOS INSTRUACIONAIS: O QUE HÁ DE NOVO NISSO?	
Hilma Ribeiro de Mendonça Ferreira Sílvia Adélia Henrique Guimarães	
DOI 10.22533/at.ed.3031914086	
CAPÍTULO 7	85
DESAFIOS EPISTEMOLÓGICOS E METODOLÓGICOS NO ENSINO DE PORTUGUÊS	
Maria Auxiliadora Bezerra	
DOI 10.22533/at.ed.3031914087	
CAPÍTULO 8	103
IGREJA” E “SENHOR”: A CRÍTICA À RELIGIÃO NAS LETRAS DE MÚSICA DA BANDA TITÃS À LUZ DAS REFLEXÕES BAKHTINIANAS	
Claudia de Fátima Oliveira Camila de Araújo Beraldo Ludovice	
DOI 10.22533/at.ed.3031914088	

CAPÍTULO 9	114
FICÇÃO E MEMÓRIA EM <i>SIMÁ</i> : ROMANCE HISTÓRICO DO ALTO AMAZONAS, DE LOURENÇO DA SILVA ARAÚJO	
Daniel Padilha Pacheco da Costa	
DOI 10.22533/at.ed.3031914089	
CAPÍTULO 10	133
PRESENÇA E USO DOS MARCADORES DISCURSIVOS EM ESTUDANTES BRASILEIROS DE ESPANHOL COMO LÍNGUA ESTRANGEIRA	
Cristina Corral Esteve	
DOI 10.22533/at.ed.30319140810	
CAPÍTULO 11	146
VARIAÇÃO FONÉTICA NO POVOADO ONÇA DO MARANHÃO: ANÁLISE DOS FENÔMENOS DE REDUÇÃO DO DITONGO “OU” EM “O” E REDUÇÃO DO DITONGO “EI” EM “E”.	
Shayra Brunna Silva Marques	
Ana Claudia Menezes Araujo	
DOI 10.22533/at.ed.30319140811	
CAPÍTULO 12	157
PLE + ELO: UMA EXPERIÊNCIA VIRTUAL NO ENSINO DE PORTUGUÊS COMO LÍNGUA ESTRANGEIRA NA UFLA	
Débora Racy Soares	
DOI 10.22533/at.ed.30319140812	
CAPÍTULO 13	164
MOBILED-ASSISTED LANGUAGE LEARNING: QUESTÕES ACERCA DO USO DE SMARTPHONES EM SALA DE AULA DE LÍNGUA INGLESA	
Luana de França Perondi Khatchadourian	
DOI 10.22533/at.ed.30319140813	
CAPÍTULO 14	175
MATERIAL DIDÁTICO PARA O ENSINO DE INGLÊS: UMA PROPOSTA POR MEIO DA PEDAGOGIA DE MULTILETRAMENTOS	
Patrícia Helena da Silva Costa	
DOI 10.22533/at.ed.30319140814	
CAPÍTULO 15	189
ORIGENS E FRONTEIRAS DO COSMOS: O PODER DA PALAVRA	
Márcio Moreira Costa	
DOI 10.22533/at.ed.30319140815	
CAPÍTULO 16	199
MULTILETRAMENTOS NA FORMAÇÃO INICIAL DOCENTE: APROXIMAÇÕES ENTRE REFLEXÃO E AÇÃO	
Maria de Lourdes Rossi Remenche	
Ana Paula Pinheiro da Silveira	
DOI 10.22533/at.ed.30319140816	

CAPÍTULO 17	211
O MÉTODO FÔNICO E A CONSCIÊNCIA FONOLÓGICA NO PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO	
Alice Santos Pimentel Nunes	
Terezinha de Jesus Dias Pacheco	
DOI 10.22533/at.ed.30319140817	
CAPÍTULO 18	223
NARRATIVAS COERENTES E CONSTRUÇÃO DE IDENTIDADE EM GRUPOS VULNERÁVEIS	
Dóris Cristina Gedrat	
André Guirland Vieira	
Gehysa Guimarães Alves	
Cláudio Schubert	
DOI 10.22533/at.ed.30319140818	
CAPÍTULO 19	235
BEM-ME-QUERO, BEM-TE-QUERO: UM PROJETO DE PSICOLOGIA EDUCACIONAL SOBRE CORPOREIDADE E GESTÃO DO CUIDADO	
Roselaine Vieira Sônego	
Allan Henrique Gomes	
DOI 10.22533/at.ed.30319140819	
CAPÍTULO 20	248
MASCULINIDADE NA LITERATURA: UMA HISTÓRIA HERDADA SOCIALMENTE	
Francisco Heitor Pimenta Patrício	
Cícero Hérciclis Ângelo Pereira	
Josilene Marcelino Ferreira	
DOI 10.22533/at.ed.30319140820	
CAPÍTULO 21	260
ENSINANDO PLE NA UFLA ATRAVÉS DO AVA - AVANÇAR	
Débora Racy Soares	
DOI 10.22533/at.ed.30319140821	
CAPÍTULO 22	267
MARCAS DOS PAISES IMPERIALISTAS NA CONSTITUIÇÃO E REORGANIZAÇÃO DA EDUCAÇÃO BRASILEIRA	
Rosa Maria Silva Braga	
Lucia Torres de Oliveira	
DOI 10.22533/at.ed.30319140822	
SOBRE A ORGANIZADORA	277
ÍNDICE REMISSIVO	278

MOBILED-ASSISTED LANGUAGE LEARNING: QUESTÕES ACERCA DO USO DE SMARTPHONES EM SALA DE AULA DE LÍNGUA INGLESA

Luana de França Perondi Khatchadourian

Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP)

São Paulo - SP

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

RESUMO: Pesquisadores e educadores reconhecem o potencial das tecnologias móveis como uma ferramenta de aprendizagem para os alunos e buscam incorporá-los em algumas práticas de ensino. No entanto, pouca pesquisa tem sido realizada para categorizar os numerosos exemplos de aprendizagem móvel no contexto da sala de aula de língua inglesa. O uso de aparelhos móveis é constante e se torna cada vez mais essencial nos dias de hoje. A partir deste cenário de uso constante de smartphones em sala de aula pelos alunos, realizo um levantamento bibliográfico sobre aprendizagem móvel de línguas assistida por dispositivos móveis e teço alguns comentários sobre a pesquisa de doutorado por mim realizada.

PALAVRAS-CHAVE: Mobile-Assisted Language Learning; Ensino-Aprendizagem; Língua Inglesa.

MOBILED-ASSISTED LANGUAGE LEARNING: ISSUES ABOUT THE USE OF SMARTPHONES IN AN ENGLISH CLASS

ABSTRACT: Researchers and educators recognize the potential of mobile technologies as a learning tool for students and seek to incorporate them into some teaching practices. However, little research has been done to categorize the numerous examples of mobile learning in the context of the English-speaking class. The use of mobile devices is constant and becomes more and more essential these days. As a teacher, I face its use in the classroom, spontaneously and as a mean of communication and internet access for consulting things. From this scenario of constant use of smartphone devices in the classroom by the students, I carry out a bibliographical survey mobile assisted language learning, and I comment some data that is on my doctoral thesis.

KEYWORDS: Mobile-Assisted Language Learning; Actor-Network Theory; Teaching-Learning; English language.

1 | INTRODUÇÃO

Pensar sobre a permanência e o papel desempenhado pelo smartphone na sala de aula é uma maneira de tentar aproximar as

práticas de aprender institucionalizadas e estabilizadas da escola com as formas de aprendizagem informal e baseada em circulação-cooperação-colaboração engendradas pela cultura digital.

A experiência de ensino-aprendizagem em sala de aula nas escolas públicas é hoje – ou deve ser – bastante diversa daquela com que nos acostumamos ao longo da nossa experiência discente. No que tange ao ensino de língua inglesa, ela muda significativamente por conta das várias influências culturais e tecnológicas com as quais hoje os alunos têm muito mais contato do que, há algum tempo, conseguiam manter.

Assim, a prática de ensino de inglês na escola pode ser descrita como estabilizada no que se refere ao uso de tecnologias mais antigas como a lousa, a carteira, o livro didático, ou mesmo o vídeo e o aparelho de áudio, mas o smartphone, ao contrário, a desestabiliza, pois ainda não se encontrou uma maneira de vinculá-lo sem mudar as relações entre os outros atores, inclusive professor e aluno.

Ainda que se possa argumentar que o custo de aquisição de um smartphone é alto com relação às necessidades de subsistência, os smartphones são elementos novos nessa rede de atores (LATOURET, 2005) que constitui as práticas em sala de aula: mais do que mero uso para entretenimento, os smartphones passam a compor e a agir no processo de ensino-aprendizagem. Sua entrada nesse cenário traz necessariamente uma renegociação dos vínculos entre as entidades envolvidas.

Em um estudo piloto, tive a oportunidade de observar algumas aulas de uma professora de inglês no ensino médio de uma escola estadual da periferia na cidade de São Paulo e observei que os alunos usam smartphone em aula para uma série de coisas que pouco ou nada têm a ver com ensino-aprendizagem de língua estrangeira. Ações como escutar música com fones de ouvido, tirar foto da lousa em vez de copiar, conversas por meio de redes sociais, jogos online, afastamento espacial do centro da aula (sempre nos cantos e nos fundos da sala) demonstram como este artefato afeta toda a rede.

Durante a observação das aulas, identifiquei o estabelecimento de um padrão das aulas de inglês na escola: ao chegar, a professora faz a chamada por números, e não por nomes, passa a atividade na lousa, voltada a questões de cunho gramatical e cujas propostas são eminentemente para a realização passiva – cujo conteúdo é disponível em livros didáticos propostos pelo PNLD (Plano Nacional do Livro Didático) e aos quais a professora tem acesso – copia do livro, pede para que os alunos copiem o conteúdo passado na lousa, atribui a eles ponto pela atividade copiada e anota tudo no diário de classe. Ao fim e ao cabo, os alunos que se dignam a prestar atenção fazem-no por obrigação, e para isso muitas vezes sequer chegam a desligar seus aparelhos.

A tradição teórica estabelece que a aprendizagem é um empreendimento social situado, facilitado e desenvolvido por meio de interações sociais e conversas entre pessoas (VYGOTSKY, 1978), e mediada através do uso de ferramentas (WERTSCH,

1991); porém, o smartphone não é um artefato comum, e, portanto, há necessidade de outros enfoques, outras teorias, sobretudo no que se refere à questão da mobilidade, que seja do ponto de vista da *Mobile Assisted Language Learning*.

2 | Mobile Assisted Language Learning - MALL

Aprendizagem de línguas assistida por dispositivos móveis – (doravante MALL) descreve uma abordagem para a aprendizagem de línguas, assistida ou melhorada através do uso de um dispositivo móvel portátil.

MALL tem sido definida como o uso de “tecnologias móveis na aprendizagem de línguas, especialmente em situações em que a portabilidade do dispositivo oferece vantagens específicas” (Kukulka-Hulme, 2013, p. 3701). Este modelo de aprendizagem inclui dispositivos como leitores de MP3 / MP4, smartphones e leitores de *e-book* através de computadores portáteis e *tablets*.

M-Learning para a aprendizagem de línguas ou MALL é um campo relativamente novo dentro do CALL (Computer-Assisted Language Learning) e dos estudos sobre *e-learning*, e, como tal, ainda há poucas pesquisas disponíveis (VIBERG e GRÖNLUND, 2012). Segundo esses autores, as teorias e modelos de ensino-aprendizagem aplicados, na maioria das vezes, originam-se de grandes teorias da aprendizagem, incluindo o construtivismo, a teoria da atividade e a teoria sociocultural. Ressaltamos aqui uma das considerações fundamentais da teoria sociocultural: a mente humana é mediada (VIBERG e GRÖNLUND, 2012). Esta mediação é frequentemente assistida pelo uso de ferramentas. Daí o uso da tecnologia móvel desempenhar um papel determinante no processo de construção de significado, dada a natureza mediada da mente humana.

Stockwell & Hubbard (2013) buscam um esforço para caracterizar MALL coerentemente, olhando a partir da perspectiva de um quadro que divide as questões relevantes em três domínios: físico, pedagógico e psicossocial. Segundo os autores, apesar de existirem pontos que são claramente relevantes para cada questão, estas categorias “não existem separadamente umas das outras, ao contrário, elas são necessariamente interligadas e sobrepostas” (STOCKWELL & HUBBARD, 2013, p. 3).

Para os autores, a questão física recai sobre os dispositivos que são relativamente pequenos. Questões como a capacidade de armazenamento, velocidade do processador, vida da bateria e compatibilidade de dispositivos, além da transferência de grandes quantidades de dados podem gerar dúvidas sobre a eficácia da utilização dos aparelhos para o ensino-aprendizagem de línguas.

Em relação às questões pedagógicas, os autores deixam claro que “um dos maiores desafios da aprendizagem móvel é garantir que as tarefas sejam adequadas às capacidades dos dispositivos usados” (STOCKWELL & HUBBARD 2013, p. 5.). A possibilidade de inúmeras de aplicações pessoais e sociais implica que os alunos possam não perceber seus dispositivos móveis como veículos apropriados para a

aprendizagem. Importante frisar aqui que os autores não levam em conta a questão da espacialidade e nem da agência, tudo se passa como se o aparelho celular fosse, mais uma vez, um artefato relativamente inerte.

Os autores citam pesquisas bem sucedidas sobre MALL, especificamente com o uso do aparelho celular. Gromik (2012), pesquisou alunos japoneses utilizando a função de gravação de vídeo de seus telefones celulares para produzir pequenas conversas em inglês. A pesquisa descobriu que os alunos foram capazes de fazer vídeos cada vez mais longos com o passar do tempo.

Em outro estudo, Sandberg *et al.* (2011) realizaram pesquisas com estudantes holandeses do quinto ano com aparelhos celulares, a fim de ajudá-los a aprender o vocabulário da língua inglesa. Três grupos participaram desse estudo. O primeiro grupo teve aulas em inglês sobre animais do zoológico e suas características em sala de aula. O segundo grupo teve aulas em sala de aula e trabalhou com um aplicativo no aparelho celular em um zoológico público. O terceiro grupo recebeu a mesma orientação que o segundo, mas, como extensão, era autorizado a utilizar o aplicativo em casa. Um teste antes e depois da atividade foi realizado e demonstrou que o grupo que utilizou o aplicativo em casa aprendeu mais palavras do vocabulário proposto. Os resultados indicam que os alunos estão mais motivados para usar o aplicativo em seu tempo livre – ou seja, fora da sala de aula - e isso beneficia seu aprendizado. A conclusão dos autores é que a aprendizagem formal na escola pode ser melhorada ou aumentada pela aprendizagem em um contexto informal, isto é, fora da sala de aula. (SANDBERG *et al.*, 2011 p. 1344). Este estudo demonstra que além da relação espaço/ambiente (sala de aula, zoológico, casa) um fator importante é que o aluno parece ver mais sentido no uso do smartphone fora da escola.

Ainda na busca de desenhar alguns princípios emergentes sobre MALL, Stockwell & Hubbard (2013) acreditam que uma característica importante do MALL é a possibilidade de troca de experiências com suas disciplinas correlatas. Dito de outra forma, MALL tem muito em comum com CALL e m-learning (ML) e, portanto, pode ser melhor compreendido como pertencente a ambas as disciplinas, em vez de ser separado delas. Para exemplificar melhor esta proposta, os autores sugerem a figura abaixo

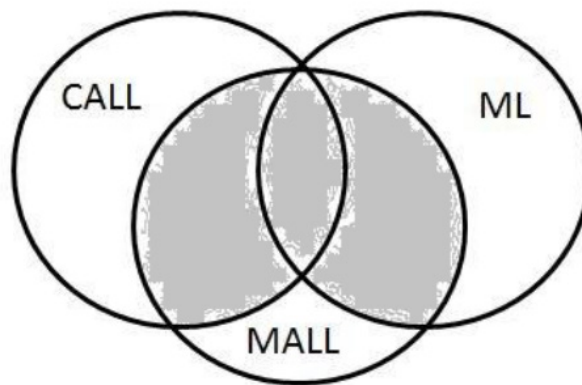


Figura 2: Relação entre Computer-Assisted Language Learning (CALL), Mobile-Assisted Language Learning (MALL) e Mobile Learning (ML). A área sombreada representa a sobreposição (Stockwell & Hubbard. 2013, p. 5)

Partindo desta discussão, os autores também sugerem dez princípios para MALL, que foram exemplificados por meio de um estudo com alunos pré-intermediários de inglês como segunda língua de uma universidade particular japonesa no início de 2013. Estes dez princípios são segundo Stockwell & Hubbard (2013, p.8-10):

- Princípio 1. As atividades móveis devem ser pensadas em: 1) as *affordances* e limitações do dispositivo móvel e 2) as *affordances* e limitações do ambiente em que o dispositivo será usado.
- Princípio 2. Limitação das tarefas para possíveis distrações, uma vez que dispositivos móveis são susceptíveis de ser uma distração.
- Princípio 3. O mecanismo de pressão tem o potencial de levar os alunos para a ação, mas, ao mesmo tempo, os alunos têm ideias de quando e com que frequência eles gostariam de executá-las. Pressione, mas respeite os limites!
- Princípio 4. Esforço para manutenção da equidade. Em uma sala de aula ou outro ambiente de aprendizagem, questões importantes a incluir são: a posse pelo aluno de um dispositivo móvel, a compatibilidade e funcionalidade do dispositivo móvel do aluno, a conectividade do dispositivo e a despesa para usar esse dispositivo.
- Princípio 5. Tal como acontece com outros tipos de implementações de tecnologia, importante a consideração acerca de uma série de estilos como a destreza para utilização de teclados menores e telas sensíveis ao toque.
- Princípio 6. Ciência acerca de usos e culturas de uso para os dispositivos existentes para os estudantes de língua. Estudos têm mostrado que os alunos podem perceber seus dispositivos móveis como sendo para uso pessoal e social, e não como ferramentas educacionais.
- Princípio 7. Manutenção de curtas e sucintas atividades de aprendizagem de línguas.
- Princípio 8. A tarefa da aprendizagem de línguas deve caber na tecnologia.

- Princípio 9. Orientação e formação para utilizar eficazmente os dispositivos móveis para a aprendizagem de línguas, embora o manuseio dos dispositivos possa ser intuitivo, usá-los para a aprendizagem de línguas não é.
- Princípio 10. Na sala de aula de língua, a preparação adequada e o apoio motivacional para professores e estudantes são primordiais.

Observando esses princípios de MALL, alguns pontos significantes convêm ressaltar. Ao optarmos olharmos para o uso do smartphone em sala de aula de línguas, consideramos a limitação das tarefas para evitar possíveis distrações - isto é, o aluno fazer uso do artefato como ferramenta que desvie a atenção do aprendizado – o que pode ser evidenciado nas imagens que teremos mais adiante – em que, em muitos momentos, os alunos fazem uso ou consideram fazer uso de seus smartphones como sendo para uso pessoal e social, e não como ferramentas educacionais.

3 | AS LACUNAS DE PESQUISA SOBRE MALL NO BRASIL

Voltando nossos olhares para estudos de MALL, percebemos que as pesquisas sobre Mobile-Assisted Language Learning no Brasil são escassas. Após levantamento bibliográfico das palavras-chave no *Google* acadêmico e no banco de teses da Capes: *mobile learning, mobile assisted language learning, hand device, cell phones, smartphones, mobile phone, language learning* (tanto em inglês como em português), observamos que as publicações nacionais tiraram a aprendizagem da escola – levando-a para o ambiente de casa ou do trabalho - e não buscaram trazê-la para dentro da sala de aula utilizando aparelhos móveis - mais especificamente o aparelho celular do tipo smartphone.

Como primeiro exemplo temos Vaz (2010), que apesar de não estar na área de linguagem, mas na área de tecnologias da inteligência e *design* digital, apontou e analisou os impactos do uso do aparelho celular na vida em sociedade.

Costa (2013), em sua tese de doutorado, investigou as potencialidades que emergiram da interação do aluno com o celular e que potencializaram o desenvolvimento das cinco habilidades linguísticas no ensino-aprendizagem de Língua Inglesa como língua estrangeira. A autora levantou a questão de quando usar o celular em sala de aula de Língua Inglesa. Após atividades com alunos do sétimo e oitavo anos do Ensino Fundamental, em uma escola pública municipal do estado do Rio de Janeiro, a autora concluiu que o trabalho com aparelho celular ajudou a melhorar a aquisição de habilidades em uma língua estrangeira, ao colocar os alunos em um contexto real, tornando este processo mais atraente, motivador e criativo, de modo a proporcionar aos aprendizes a necessária flexibilidade produtiva para adquirirem conhecimentos e desenvolverem habilidades e competências, o que, segundo a autora, seria quase impossível de ocorrer em um ambiente de ensino tradicional.

Salatino (2014) compôs uma interpretação a respeito da forma como os jovens das classes populares constroem sua experiência escolar em um contexto cotidiano marcado por grande disseminação de aparelhos tecnológicos. O autor constatou que, nos espaços escolares, o aparelho celular aparece com múltiplos significados: socializam, principalmente, de forma paralela à escola, criam e promovem práticas de distração e diversão. Com os celulares, as dinâmicas escolares constituem um reforço de suas redes de sociabilidade, compostas tanto por laços fracos como fortes, presenciais e virtuais. Este estudo mais uma vez demonstra que os alunos usam o aparelho celular com o intuito de trazer pra dentro da escola as práticas, laços e espaços sociais de “fora”.

Nagumo (2014) buscou compreender os motivos e desdobramentos do uso dos aparelhos celulares pelos estudantes na escola, identificar os dados demográficos dos estudantes que acessam seus aparelhos celulares na escola por meio do *Twitter* e levantar dados sobre motivações e consequências do uso dos aparelhos celulares dos estudantes na escola. Para Nagumo, o uso inteligente da tecnologia na escola pode propiciar um ambiente de aprendizado mais colaborativo e criativo aos alunos; portanto, mais atrativo. O autor chega a esta constatação ao observar que a escola participante da pesquisa negociava com alunos o uso responsável do aparelho celular no ambiente escolar.

Uma lacuna nítida nos estudos de *M-learning* e MALL é que, enquanto os trabalhos focam como o aluno aprende em diversos momentos e espaços por meio de aparelhos móveis. Encontramos, então, um problema específico: como trazer o mundo para a sala de aula, via *smartphone*, e não apenas tirar o aluno da sala de aula utilizando o aparelho para aprender em outros lugares.

Um dos caminhos a ser pensado é justamente confrontar o postulado de MALL/ *m-learning* como algo que tira o aluno do lugar fisicamente, mas que não o tira do lugar institucional ou interacional que tradicionalmente aluno e professor ocupam na sala de aula, assim também como não traz “outros lugares” para dentro da escola. Existe a necessidade de, antes de mais nada, assumir que o artefado quando efetivamente apropriado, transforma o contexto!

4 | POR UMA CONTRIBUIÇÃO AO MALL CENTRADO EM SALA DE AULA

Existe a necessidade de uma abordagem do uso do *smartphone* – já que este desestabiliza, no sentido de Latour (2005), toda uma cadeia e rede de sentidos ao entrar em uma sala de aula - lugar onde esse ator cibernético não foi feito para ser usado.

Por exemplo, nesta escola de periferia que sediou minha pesquisa de doutorado, o uso do *smartphone* é permitido. Em minhas observações participantes, registrei alguns dos usos que os alunos fazem de seus *smartphones*, mostrados nas Figuras

1, 2, 3 e 4.



Figura 1 - Usando *Whatsapp* na aula de Inglês

Cadernos fechados, smartphones ligados em conversa do *Whatsapp*.

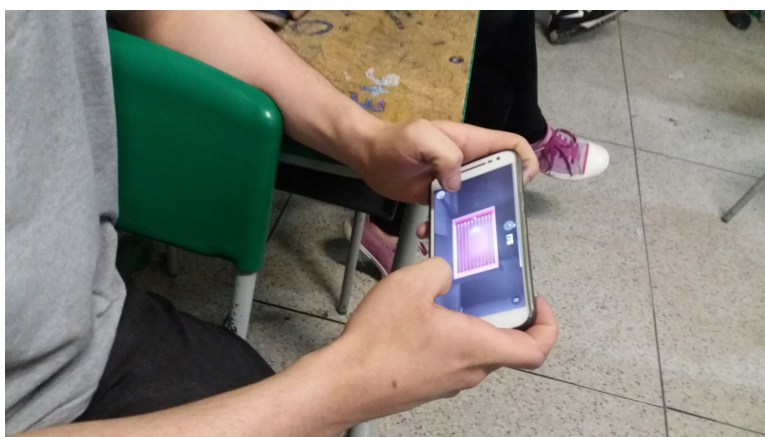


Figura 2 - aluno jogando *offline* no aparelho de smartphone



Figura 3 – Alunos ouvindo músicas e compartilhando vídeos

Em grupos ouvem e compartilham músicas.



Figura 4 – Alunos usando o aparelho celular como espelho

Observei que a professora de inglês que participou da pesquisa, quando tenta usar o smartphone para fins pedagógicos - que é o que a lei permite - não sabe como fazer. O alunos narram que na maior parte do tempo é mais fácil tirar fotos da lousa com a lição que os professores passam.

Aqui uma outra dimensão da pesquisa que não pode ser desconsiderada, a presença/atuação do professor e do aluno, o que significa que esbarramos em dois pontos, por um lado, a formação de professor no cenário das tecnologias digitais; uma vez que o smartphone por si só não realizará as ações se não estiver em “mãos” que saibam, possam, queiram dispor desse aparato, reconhecendo-o como um ator que veio e não será tirado.

Por outro lado, a conscientização para a aprendizagem no cenário dinâmico das plataformas digitais; uma vez que os jovens da geração Z ou geração da internet (TAPSCOTT, 2010) (entre 17 e 22 anos nos dias de hoje – faixa etária do público que foi pesquisado) ao mesmo tempo em que desejam a liberação do aparelho o tempo inteiro, e entendem-se mais inteligentes por terem acesso à informação a qualquer momento e também esperam por práticas tradicionais em sala de aula, como lousa com lição e textos.

A geração Z nunca concebeu o planeta sem computadores, *chats*, smartphones. Sua maneira de pensar foi influenciada, desde o berço, pelo mundo complexo e veloz que a tecnologia criou, e seu conceito de mundo é desapegado das fronteiras geográficas. Para Tapscott (2010, p. 16):

(...) esses jovens emancipados estão começando a transformar todas as instituições da vida moderna. Desde o local de trabalho até o mercado, desde a política, passando pela educação, até a unidade básica de qualquer sociedade – a família -, eles estão substituindo uma cultura de controle por uma cultura de capacitação.

Vale ressaltar neste momento que MALL pressupõe que aprendizagem é mais

do que conteúdo, é um conjunto de “experiências” e, logo, proporciona condições de pensar como o uso do smartphone pode afetar ou trazer experiências na sala de aula, em vez de ser usado apenas como uma forma de acesso ao repositório de conteúdos ou uma forma de registro ou gravação de conteúdos, como demonstrados durante algumas aulas em que os alunos fotografam a lousa com seu conteúdo apenas para copiar depois no caderno, num ciclo que vira apenas cópia de cópia.

5 | TECENDO ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

Contamos, atualmente, com um modelo de educação muito viciado e, em muitos aspectos, ultrapassado, porquanto não condiz com a realidade de seus espaços e contextos e muito menos com a necessidade de seus sujeitos. Por isso, devemos hoje repensar o formato do ensino em sala de aula e o que objetivamos com as novas formas e processos de ensino-aprendizagem, conforme nosso contexto de práticas sociais.

Repensar o modo de lecionar, reformular a pedagogia, propor outra disposição arquitetônica, outra maneira de lidar com o tempo, outra maneira de estruturar a relação entre as disciplinas, de agrupamento de sujeitos em torno de questões e afinidades são necessidades ímpares que se fazem cada vez mais prementes diante dos desafios e da urgente necessidade de mudança e de melhoria que devemos oferecer à sociedade (WARSCHAUER, 2008).

Grandes questões decorrem da reflexão apresentada no presente artigo. Dentre elas, a primeira é pensar em como relacionar estes dois mundos e universos da cultura digital. Em seguida, é necessário pensar em uma maneira de abranger a quantidade de esferas que aqui estão envolvidas devido à quantidade de gêneros e linguagens, quando ainda não existem “receitas” e padrões que sirvam para classificar este novo modo de produção, compartilhamento e experiência de conteúdo e linguagem na sociedade diversificada na qual vivemos.

Finalmente, é preciso questionar como um sujeito, protagonista da sua vida social, deve ser educado e questionado para que possa refletir e entender que, ao transformar a realidade, ele transforma, com outros de seu grupo, os textos. É preciso, por fim, entender como o profissional docente pode redesenhar o processo de produção de ensino-aprendizagem e de transformação da linguagem na construção do conhecimento, de forma a envolvê-lo no design dos materiais que auxiliem na sua construção de conhecimento, no seu compartilhamento e na efetiva participação social, almejando por fim o crescimento crítico, consciente e ativo de um sujeito transformador da sociedade da qual participa.

O objetivo é, sempre, extrair de tais ações experiências inovadoras que possam ser multiplicadas. Fato é que o cotidiano é profundamente desafiador e que o desafio coloca-se não como um obstáculo, mas como uma exigência de respostas que nós

professores, como formadores de cidadãos, devemos repensar, recriar e reconstruir em nossas práticas em sala de aula.

Nessa formação é que, finalmente, envidam os esforços do docente para que, como recompensa, veja o sujeito aplicar esta formação adequadamente em situações reais do cotidiano e do próprio trabalho, proporcionando a oportunidade construir um pensamento crítico, capaz de solucionar problemas e de tomar decisões de forma responsável e sempre ética.

REFERÊNCIAS

- COSTA, Giselda dos Santos Mobile learning: explorando potencialidades com o uso do celular no ensino - aprendizagem de língua inglesa como língua estrangeira com alunos da escola pública. Tese de doutorado. 2013
- GROMIK, Nicolas A. Cell Phone Video Recording Feature as a Language Learning Tool: A Case Study. *Computers & Education*, v58 n1 p223-230 Jan 2012.
- KUKULSKA-HULME, A. Re-skilling language learners for a mobile world. Monterey, CA: The International Research Foundation for English Language Education. 2013. Retrieved from <http://www.tifonline.org/english-in-the-workforce/mobile-assisted-language-learning/>
- LATOUR, Bruno. *Reassembling the social: An introduction to actor-network theory*. Oxford: Oxford University Press. 2005.
- NAGUMO, Estevan. O uso do aparelho celular dos estudantes na escola. Dissertação de Mestrado. Brasília. 2014
- SALATINO, André. T. Entre laços e redes de sociabilidade. Sobre jovens, celulares e escola contemporânea. Dissertação de Mestrado. São Paulo. 2014
- SANDBERG et al., Mobile English learning: An evidence-based study with fifth grades in *Computers and Education* vo. 57 n° 1 pp. 1334-1347. 2011. DOI: 10.1016/j.compedu.2011.01.015
- STOCKWELL, G., HUBBARD, P. Some emerging principles for mobile-assisted language learning. Monterey, CA: The International Research Foundation for English Language Education. 2013. Retrieved from <http://www.tifonline.org/english-in-the-workforce/mobile-assisted-language-learning>
- TAPSCOTT, D. *A hora da geração digital: como os jovens que cresceram usando a internet estão mudando tudo, das empresas aos governos*. Rio de Janeiro: Agir Negócios, 2010.
- VAZ, Ana C. R. O celular e os novos modos de socialização. Dissertação de Mestrado. São Paulo. 2010
- VIBERG, O; GRÖNLUND, A. Mobile Assisted Language Learning: A Literatura Review. Conference: 11th World Conference on Mobile and Contextual Learning. 2012.
- VYGOTSKY, L. S. *Mind in society*. MIT Press, Cambridge, MA. 1978.
- WARSCHAUER, M. *Technology and Social Inclusion: Rethinking the Digital Divide*. MIT Press. 2004
- WERTSCH, J. V. *Voices of the mind: a socio-cultural approach to mediated action*. Harvard University Press, Cambridge, MA. 1991.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Análise linguística 85, 100, 102

Argumentação 2, 24, 33, 34, 135, 136

Atos de Fala 66, 68, 76

C

Contemporâneo 42, 53

D

Ditadura Militar 1, 5, 7, 10, 11, 55, 56, 57, 59, 63, 65, 104

E

Educação Brasileira 2, 268, 276

Escrita 85, 156

G

Gênero 35, 205, 248

L

Leitura 5, 30, 66, 84, 85, 100, 101, 263

Leitura na escola 66

Letramento literário 24, 33, 34

Linguagem 2, 13, 33, 36, 50, 53, 101, 102, 146, 157, 193, 198, 260

Literatura 1, 3, 4, 5, 6, 8, 10, 11, 12, 33, 34, 53, 54, 55, 56, 57, 58, 59, 62, 64, 65, 84, 114, 130, 131, 174, 191, 198, 204, 210, 248, 259

M

Masculinidade 248

O

Oralidade 85

P

Pedagogia de Multiletramentos 8, 175, 176, 180, 181, 182

R

Retórica 24, 31, 33, 269

Romance épico 114

Romance histórico 114

S

Sociedade 13, 33, 53, 187, 211, 247, 248, 259

T

Textos instrucionais 66

Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-85-7247-530-3



9 788572 475303